

## UM MACHADO PRAGMÁTICO: EM BUSCA DE UMA ABORDAGEM DE LEITURA PARA O TEXTO LITERÁRIO

Beatriz Amazonas **CARDOSO**<sup>1</sup>

Doutora em Letras/USP

Docente do Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estácio de Sá/Radial/SP

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo abrir novos caminhos para a leitura e interpretação de textos literários, sob um enfoque não convencional na escola brasileira: a mitocrítica de Gilbert Durand, que prioriza o entendimento do imagético humano pela apreensão do subjetivo, do oculto, do latente. Tomou-se, como exemplo dessa forma de leitura, o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, buscando-se de que maneira as estratégias utilizadas pelo autor para suprir a falta vocabular permitem ao leitor a abertura das portas do indizível. Em uma proposta de valorização do leitor, como elemento da análise e da crítica literárias, além de (re)construtor do texto, reconhece-se que a interpretabilidade – advinda da coerência do texto, cujo preenchimento lacunar dependerá do seu universo de experiências e do seu conhecimento de mundo – será construída com base nas lembranças desse leitor. Do “velho” conhecido poderá ser construído o “novo”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Estratégias. Imaginário. Mito. Durand.

### Introdução

A partir dos anos 60 do século XX, ao se consagrar a aliança das variantes do positivismo Moderno e do Marxismo e com a tecnologia tecnocrática das transparências, em um movimento cíclico, o homem moderno – a exemplo do que já o fora o renascentista – passa a ser a medida de todas as coisas e o objeto a ele serve.

Os estudos de Sociologia, que confrontam as forças humanas na organização de seu próprio desenvolvimento, definem-se na França, depois de maio de 68, quando aquela antiga sociedade socialista e comerciante se mostra abalada no que lhe parecia mais firme: ideal econômico, concepção burguesa de felicidade, ideologia de progresso.

Essas falsas ideias de progresso que marcaram sua própria crise provocam um retorno à subjetividade, permitindo, assim, a emergência dos valores imergidos, surgindo um novo ciclo. Neste cenário, o antropólogo francês Gilbert Durand (1921-2012) reabilita e resgata a imagem e o imaginário, consolidando os esforços de tantos outros, como Jung, Eliade, Campbell. Ao priorizar a imaginação criadora do homem na relação dialética do indivíduo

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: cardosobia@uol.com.br

com o meio, Durand distingue a existência, na psiquê profunda, de um acordo entre as diferenças individuais e as estruturas da sociedade, entre os reflexos dominantes e o prolongamento cultural, através do ambiente tecnológico humano: o ambiente humano é o primeiro condicionador das dominantes sensório-motoras.

Nessa visão sociológica contemporânea de Durand, uma imagem ou um mito são parte desse projeto sociológico que não permite se dizer apenas o coletivo, mas destacar o individual. A originalidade criadora, neste Pós-Modernismo, consiste em se fazer a junção do contínuo com o descontínuo, do objetivo com o subjetivo.

Colocados estes estudos da Sociologia a serviço da Linguística – posto que *mythos* e *logos* não se opõem, ao contrário, se completam – pode-se constatar que esse momento foi marcado por um certo “cansaço” de muitos linguistas em relação às bases conceituais – quer técnicas, quer metodológicas – dos paradigmas (Estruturalismo e Gerativismo) em voga até então, proporcionando fundamentos e apoios à investigação teórica e aplicada.

A linguagem, vista por Chomsky<sup>2</sup> como um conjunto de regras, deixa exposta sua fragilidade e sua limitação quando da valorização do falante/ouvinte ideal, em contraposição ao real, em seu contexto e suas diferentes funções.

Um novo paradigma se faz necessário.

Não se negam as bases cognitivas da aquisição e do funcionamento da linguagem, entretanto nasce a necessidade da investigação de como se ampliam seus limites, desde a análise do sistema cognitivo até o exame da comunicação em suas variações. É, na realidade, a abertura e a extensão do terreno anterior, longe de incompatibilidades, observados os resultados da Gramática Transformacional, mas tendo presentes a visão da linguagem como instrumento da comunicação e do comportamento verbal.

Essa nova investigação linguística, que busca explicar as rotinas do uso da língua e seu conhecimento, considerados insuficientes os paradigmas anteriores, leva o linguista a uma “visão dicotômica ou pendular da investigação linguística” que, segundo Varó (1990), oscila entre o exame da função ideacional da linguagem (psicolinguística) e a função interpessoal (comunicativa), resgatando-se questões adormecidas.

O novo paradigma – a Pragmática – não significa a anulação das pesquisas anteriores; ao contrário, busca harmonizar ideologias. Também este paradigma obedece a e impõe regras e se liga a fenômenos gramaticais. Porém, a linguagem em uso refere-se a situações concretas

---

<sup>2</sup> CHOMSKY, Noam. Linguista norte-americano (1928) Professor de Linguística do MIT. Criou a gramática gerativo-transformacional. Combina uma abordagem quase cartesiana aos fenômenos da linguagem como propriedade inata do cérebro humano, com forte crítica ao behaviorismo.

vistas sob um novo ângulo, não o estruturalista ou apenas o gerativista: o olhar se reforça para as relações entre a linguagem e os contextos comunicativos onde se manifesta. Estreitamente ligado às ciências do comportamento humano, o pragmatismo estabelece uma relação estreita entre os signos linguísticos e seus usuários.

No ato da leitura, por exemplo, pode-se adotar a pragmática como uma perspectiva nova que estuda um aspecto da linguagem utilizada pelo autor de uma obra literária – também ele um falante – tendo-se em vista a linguagem escrita como um fenômeno discursivo, observada sua posição conjunta em texto > discurso. Para Koch (2003, p. 14), “compreender um enunciado constitui um evento mental que se realiza quando o ouvinte deriva do enunciado o pensamento que o falante pretendia veicular”.

Tendo em vista que a pragmática analisa as teorias que investigam as estruturas mentais e o funcionamento do contexto na interpretação de um enunciado, o gênero literário, marcado por sua linguagem, implica uma ideologia que leva o leitor a pressuposições que deverá desvendar ou revelar. Privilegia-se a dimensão psico-socio-contextual desse discurso. No entender de Varó, a linguagem do texto literário é beligerante, já que molda as ideias, condicionada àquela pelas necessidades sociais. O texto passa a ser o lugar da interação e dos interlocutores – sujeitos ativos que nele se constroem e são construídos.

Defendemos aqui a criação e a prática de uma pragmática literária que dê conta de se canalizarem as insatisfações geradas pelo formalismo literário, inicialmente mencionado.

### **Uso do “velho” para a construção do “novo”**

À luz da prática sociológica de Durand, que dá conta dos mitos como recortes sincrônicos (momentâneos) do contínuo diacrônico (histórico), percebe-se que a comunicação é lacunar, posto que na língua há áreas do indizível – latente – visto que a textualização linear de unidades referenciais alineares choca-se com a “falta”, tanto de regras sequenciadoras quanto de unidades vocabulares. Com esse pensamento, a comunicação global (remetente – contexto – destinatário) é considerada o ponto-chave na Pós-Modernidade: se do velho se cria o novo, é a tonalidade dada pela globalidade dos integrantes do processo comunicativo que diferencia o que se diz do que já foi dito, reelaborando-o.

O imaginário humano é formado por imagens/símbolos, constituídos por representações sociais e individuais. Segundo proposta de Durand, esse imaginário é um trajeto antropológico cuja representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos

imperativos relacionais do sujeito, por onde se chega à ideia da bipolaridade da existência humana, em que o latente e o patente estão associados nas diferentes etapas da vida, formando um campo de conhecimento à medida que progride, no sentido da compreensão, por exemplo, das metáforas. Esse imaginário que dinamiza o pensamento do ser humano é polarizado por pólos antagônicos, em cujo redor gravitam as imagens, os mitos, os devaneios e os poemas dos homens.

Neste cenário, a palavra, no sentido antropológico – não apenas como forma de expressão, mas como um conjunto com retórica própria – pode e deve ser explicada e entendida por meio de outras imagens.

O processo da compreensão da obra literária no relato, com suas metáforas e metonímias, apresenta um caráter “mítico”, diretamente relacionado com o mistério. A partir de 1975, com os estudos de Durand, a noção de mito está relacionada à de relato (discurso mítico), que dispõe em cena personagens, situações, unidades semânticas. Eufemismo? Talvez... os mitos não devem ser explicados racionalmente, posto que mistérios.

Mas os recalques, as censuras, as ideologias, numa época, num meio dados, manifestam-se de dois modos: 1) pela repetição explícita de seu conteúdo (patente); e 2) pela repetição da intencionalidade implícita (latente). Diante deste quadro, acredita-se que as tendências científicas do Estruturalismo se, de um lado valorizaram os estudos da linguagem, de outro, empobrecem a criação artística. Sob este enfoque, o ato de leitura é um trabalho de preenchimento de lacunas advindas da falta vocabular ou das estratégias do autor em criar proposadamente essas lacunas.

Nossa intenção, neste artigo, é apresentar uma abordagem da leitura do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, estabelecendo uma relação do escritor/narrador/falante com seu leitor.

A escola brasileira, até então, não privilegiou o papel do leitor na análise de um texto literário, o que nos permite o estudo da relação entre um determinado mito e a narrativa literária, buscando-se a maioria dos elementos conjugados nesse processo de comunicação.

Personagens, Bentinho e Capitu se contrapõem como dois pratos de uma balança, diante da criatividade de Machado de Assis, revisando valores éticos do final do século XIX na sociedade brasileira, onde um erotismo velado sobrepõe a imagem de Bentinho humano à postura do Eros divino, capaz de perdoar e retomar a criatura amada.

Esta obra apresenta os personagens, os acontecimentos, os cenários, pelas reminiscências de Bentinho (obra de fase psicológica), assim dito pelo próprio autor: “... se te

lembras bem de Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca...” (ASSIS, 1959, p. 441), ao estabelecer uma relação do escritor com seu leitor, pelas lembranças.

Centrando-se a análise do romance no leitor, as formas lexicais são as responsáveis pela (re)construção do referente “Capitu” no texto, dando-lhe a manutenção temática e a progressão semântica. Percorrendo-se linearmente a coesão do texto, pode o leitor observar que na manifestação patente do texto pelo autor, na sua linearidade coesiva, nas informações textualizadas que resultam na coerência do romance, há lacunas que deverão ser preenchidas pelo leitor.

As lembranças de Bentinho são os norteadores do leitor. Não são meras ativações de dados casuais, mas a consciência de si próprio que exigia dele, personagem, uma interpretabilidade dos dados arquivados que direcionam o leitor para sua própria interpretação:

De envolta lembravam-me episódios vagos e remotos, palavras, encontros e incidentes, tudo em que minha cegueira não pôs malícia e a que faltou o meu velho ciúme (...) todas essas reminiscências vieram vindo agora, em tal atropelo que me atordoaram... (...) davam ideia clara das do outro ou eu ia atentando mais nelas. (ASSIS, 1959, p. 421)

O próprio narrador refere-se ao indizível, tendo consciência do mistério mesmo com conhecimento do léxico. Buscou-se, então, estabelecer uma relação antropológica entre o latente e o patente, analisadas as frequências latentes do imaginário do leitor e do autor, relacionadas com as referências patentes do texto.

Durante o processo narrativo, Machado vê a relação Bentinho/Capitu com autonomia, separando os opostos olhares que caminham de “inocente” a “desdenhoso”, de “furtivos” a “sedutores”, tropeçando na dificuldade do indizível.

Pode um leitor, por estratégias escolhidas, preencher os espaços lacunares com um latente que embrinca a intencionalidade do autor com sua própria intencionalidade. A imagem de Capitu não está reduzida a uma simples forma morfológica, mas tem retórica própria, pelas explicações de sua imagem por outras imagens, em especial na (re)criação do texto pela metonímia metaforizada “olhos de ressaca”. Sua força simbólica tem vida própria, pelos acentos afetivos que permitem ao leitor ler o indizível.

O olhar de Bentinho sobre a imagem de Capitu é atraído pelo grau de atenção que ela, imagem criada pelos imperativos bio-psico-pulsionais dele, desperta, estruturando-se em

outras imagens. Trata-se, como coloca Durand (1989), de um processo mítico manifesta-se pela redundância imitativa de um modelo arquetípico [...], pela substituição do tempo profano por um tempo sagrado(...).

A imagem/símbolo do olho/olhar não é boa nem má. O uso dela é que o é. O olhar do leitor é atraído não só pela palavra que descreve aquele olhar de Bentinho, mas também pela intenção do autor ao conjugar esse olhar com as outras imagens. Não se lê simplesmente o utilitarismo da forma verbal, mas a dinamização pluridimensional de que é resultante. O imaginário aqui se esforça para levantar uma espécie de esperança contra a destruição e a morte.

Tornando inteligíveis as configurações das imagens criadas pelo autor, constantes e repetitivas como um “refrão” (“olhos de cigana dissimulada”, “olhos de ressaca”, “olhos fixos”, “olhos embuçados” dentre outros), torna-se admissível uma mitocrítica, direcionada para os textos literários, procurando-se estabelecer uma relação entre esse texto literário e um mito.

Sob esse ponto de vista, a história de amor de Bentinho e Capitu pode ser a repetição da história de amor de Eros e Psiquê, e ambas podem ser recortadas em segmentos que descrevem diferentes momentos construtivos da narrativa: atração – sedução – perda – solução.

Escrita por Apuleio, no século II, a história de Eros e Psiquê tem raízes na mitologia grega, quando a imagem de Eros surge na *Teogonia* como o deus do amor, responsável pela unificação das forças divinas que regem o destino dos homens, sendo o liame, o mediador. Conta a história de Apuleio:

*Eros era filho da deusa do amor, Afrodite, um imortal de beleza inigualável.*

*Já Psiquê, mortal, era uma das três filhas de um rei, todas muito belas, capaz de despertar a admiração de qualquer pessoa. Logo, as duas irmãs de Psiquê casam-se. Apenas a jovem não casa, ainda que seja a mais bela das três, e justamente por isso era a mais temida, já que sua beleza fazia seus pretendentes terem medo. Consultando os oráculos, os pais da jovem entristeceram-se pelo destino da filha, já que foram aconselhados a vestirem-na com trajes de núpcias e colocarem-na num alto de um rochedo para ser desposada por um terrível monstro! Na verdade, tudo fazia parte de um plano da vingativa Afrodite, que sofria de inveja da beleza da moça.*

*Assim que a jovem foi deixada no alto do rochedo, um vento muito forte, Zéfiro, soprou e a levou pelos ares e ela foi colocada em um vale, onde adormece exausta e quando acorda parece ter sido transportada para um cenário de sonhos, um castelo enorme de mármore e ouro e vozes sussurradas que lhe informavam tudo de que precisava. Foi levada aos seus aposentos e logo percebeu que alguém a acompanhava e logo descobriu que*

*era o marido que lhe havia sido predestinado, ele era extremamente carinhoso e a fazia sentir bastante amada, mas ele havia colocado uma condição: ela não poderia vê-lo, e se assim o fizesse o perderia para sempre. Psiquê concorda com a condição e permanece com ele. Eros, que tinha sido encarregado de executar a vingança da mãe, se apaixonara por Psiquê, mas tem de se manter escondido para evitar a fúria de Afrodite.*

*Com o passar do tempo, ela se sentia extremamente feliz, porque seu marido era o melhor dos esposos e a fazia sentir o mais profundo amor, mas resolve fazer-lhe um pedido arriscado: o de ir visitar seus pais, mesmo com a advertência dos oráculos, ela insiste, até que ele cede.*

*Da mesma forma que foi transportada até o seu novo lar, Psiquê vai até a casa dos pais. O reencontro gera a felicidade dos pais e a inveja das irmãs, que enchem-na de perguntas sobre o marido, e ela acaba revelando que nunca vira seu rosto. Elas acabam convencendo-a que ela deveria vê-lo e ela se enche de curiosidade.*

*Quando a noite chega e ela retorna a casa, o coração dela está totalmente tomado pela curiosidade, então ela acende uma vela e procura ver o rosto do marido.*

*Ela fica totalmente extasiada e encantada pela beleza estonteante do marido oculto, Eros, que teria feito esse pedido para que a esposa se apaixonasse pelo que é e não pela sua beleza. Psiquê ficou tão deslumbrada pela visão do esposo que não percebeu que uma gota da cera da vela pinga no peito do amado e o acorda assustado. Ele, ao ver que ela tinha quebrado a promessa, a abandona.*

*Sozinha e infeliz, Psiquê começou a vagar pelo mundo. Passando, assim, por vários desafios e sofrimentos impostos por Afrodite como uma vingança por ela ter ferido o seu filho, a jovem luta tentando recuperar o seu amor, mas acaba entregando-se à morte, caindo num sono profundo. Ao vê-la tão triste e arrependida, Eros, que também sofria com a ausência da amada, implorou a Zeus que tivesse misericórdia deles. Com a concessão de Zeus, Eros usou uma de suas flechas, despertando a amada, transformando-a numa imortal, levando-a para o Olimpo.*

*A partir daí, Eros e Psiquê nunca mais separaram-se. O mito de Eros (o amor) e Psiquê (a alma) retrata a união entre o amor e a alma.*

(KERÉNYI, C. *Os Deuses Gregos*. Trad. O. M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1993).

Inicialmente, pode ser estabelecido um paralelismo entre o texto da mitologia grega e o texto machadiano, nos quatro momentos supracitados (atração – sedução – perda – solução):

atração de Bentinho pelos olhos de Capitu  
atração de Eros pela beleza de Psiquê

vítima da sedução, Bentinho se apaixonou por Capitu  
vítima da sedução, Eros se apaixonou por Psiquê

curiosidade de Bentinho sobre o olhar de Capitu para Escobar > perda  
curiosidade de Psiquê em olhar para Eros > perda

Capitu se esforça por retomar sua posição de comando, MAS a consciência de Bentinho de seu próprio poder não o permite > Bentinho tem outra solução. Psiquê se esforça

em reconquistar o sentimento de Eros e consegue-o > Eros colabora com Psiquê para realizar o desejo de ambos.

Tem-se, pois, os dois relatos, o “velho” – grego – e o “novo” – machadiano – quando se estabelecem duas relações entre o mito e o romance.

Em uma face, a alma (Psiquê) percorre todo um trajeto polarizado de ser amada a não ser amada, que equivale a não olhar o amor a olhar o amor.

ser amada \_\_\_\_\_ não ser amada



não olhar o amor \_\_\_\_\_ olhar o amor.

Também Capitu caminha de velada a revelada, de esconder o olhar (para Bentinho) a olhar (para Escobar):

velada \_\_\_\_\_ revelada



esconder o olhar (para Bentinho) \_\_\_\_\_ olhar (para Escobar).

Assim como a revelação do amor (conhecimento de Eros) fez Psiquê perder o amante, pela estrutura de olhar o amor como imagem do conhecimento, assim também Capitu perde o marido pela revelação do olhar “tão apaixonadamente fixo” com que Bentinho a flagra, no velório de Escobar.

Na outra face, Eros, como Bentinho, percorre o trajeto de flechar a ser flechado, caminhando de descobrir o amor (na adolescência) a ser descoberto por ele. Ainda neste caso, a estrutura de amar é simbolizada por ser olhado (como o foi Escobar). Bentinho olha o não-olhar de Capitu para si e se torna Casmurro (= seco, árido, estéril, introspectivo), incapaz de amar novamente.

Com o campo de leitura ampliado, sob o critério da análise do mito, fica o leitor livre para as vastas perspectivas que se abrem, quando o olhar oscila ora para a mensagem, ora para o código, ora para a estrutura, ora para os interlocutores... Limites são, pois, necessários, o

que nos leva ao exame de uma das estratégias de produção que o autor escolheu para o resgate do mito: o uso da metonímia metaforizada.

Mestre das metáforas de grande efeito, onde dois termos estão subordinados a um terceiro, sendo um no sentido próprio outro no sentido figurado, Machado apresenta ao leitor um campo rico em exemplos:

- Em **Quincas Borba** - “... concertou o sobretudo e a alma...”
- Em **Dom Casmurro** - “...conheço de vista e de chapéu...”
- Em **Memórias Póstumas** - “...Marcela amou-me durante 15 meses e onze contos de reis...”
- Em **Esau e Jacó** - “...anos longos e grisalhos...”

Em **Dom Casmurro**, Machado se utiliza da metáfora aliada à metonímia, sendo que pela constância do uso dessa metonímia metaforizada permite ao leitor o preenchimento das lacunas advindas da falta vocabular: “olhos de ressaca”, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, “com meus olhos longos e constantes”, “nunca puseste as mãos adolescentes na jovem cabeça de uma ninfa”, “olhos embaçados”, “olhos cautelosos”, e muitos mais!

Contrapostos os personagens, observe-se que o trajeto de vida de Bentinho é curto, ralo, plano e singelo. Ingenuamente, pensa que é só olhar que resolve o problema, quer ver os olhos de Capitu (Capítulo XXXII). Mas depara-se com uma novidade: a revelação de Capitu como mistério e sedução. Assustado, agarra-se quase que literalmente aos cabelos da Menina. Por todo o romance, Bentinho vive a passagem do tempo psicológico, a que ele propõe eufemizar – “atar as pontas” – da infância e da velhice, buscando dar circularidade ao texto que é sua própria vida, mas apenas conseguindo oscilar de extremos a extremos, quando compara o tempo psicológico com os pêndulos que vão do negativo ao positivo: infinito e breve, Bem e Mal, gozo e tormentos, delícias e horrores, céu e inferno.

No sentido do Imaginário durandiano, essa retórica busca um terreno intermediário entre a imaginação e a razão, só alcançado pelo poder metafórico, que lhe permite dar conta do espaço simbólico. Machado envolve o leitor a fim de que ele (re)construa o referente “Capitu” como sujeito da sedução. A sequência dos enunciados narrativos levam à (re)construção de Capitu/pequena a Capitu/adulta, percorrendo o trajeto invertido, da

descoberta ao mistério. Tome-se, por exemplo de análise, o *Capítulo CXXII – Olhos de ressaca*:

*Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...*

*As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.<sup>3</sup>*

O recorte metonímico metaforizado olho/olhar, neste capítulo, (re)constrói a referência do texto por expandi-la. Segundo a hipótese de Durand, de que há concomitância entre os gestos do corpo, os centros nervosos e a representação simbólica, vê-se a necessidade de um acordo entre os reflexos dominantes e o prolongamento cultural, para vivência do ambiente tecnológico humano.

Sendo o imaginário o trajeto antropológico cuja representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos relacionais do sujeito, nota-se a bipolaridade da existência de Capitu, em que o latente e o patente estão associados às diferentes etapas de sua vida, formando um campo de conhecimento à medida que progride, no sentido das metáforas. A metonímia vai figurar no conhecido (patente = olhos de ressaca) o desconhecido (latente = mistério).

Se olho/olhar são manifestações de um dualismo dinâmico e morfológico, esse simbolismo se organiza seguindo os traços essenciais da morfologia e da dinâmica do outro pólo do olhar de Bentinho. Além dessa dualidade, estabelece-se o esquema antitético de projeto e absorção próprios do olhar: 1) de modo dinâmico – Capitu projeta o olhar como um dardo no cadáver de Escobar, num ato de apropriação; e 2) de modo passivo – Bentinho absorve o olhar de Capitu que se torna objeto.

Os olhos de Capitu emitem como que um fluido que penetra o universo exterior, que se deixa penetrar por aquele que constitui esse universo, Bentinho. Essa simbiose dinâmica

---

<sup>3</sup> ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. in Copyright © 2006 [MetaLibri Digital Library](#)

culmina na bipolaridade dos Regimes durandianos: a obliquidade do olhar de Capitu traz em si a dualidade de seu órgão de visão associado ao seu objeto de visão.

A estratégia machadiana está em encontrar os itens lexicais que descrevem esse processo de seduzir/velar/revelar/trair, estabelecendo uma relação escritor/leitor com formas remissivas que permitem descobrir o oculto no revelado, pela cristalização das metáforas e a percepção de ideias latentes.

Neste capítulo analisado, três momentos revelam o crescimento do poder sedutor de Capitu, pelo que ela sabe e pelo que ela esconde, (re)construindo assim a personagem numa sequência de blocos ancorados no tema *perda*, a partir dos “olhos de ressaca” de Capitu adulta: a) Capitu controlada: “(...) Capitu enxugou-as depressa, olhando...”; b) Capitu descontrolada: “(...) Capitu olhou alguns instantes para o cadáver, tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas...”; e c) Capitu impulsiva: “(...) momento houve que os olhos de Capitu fitaram o defunto (...) como a vaga lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.”

A cristalização do momento, na figura da onda do mar simbolizada pela ressaca, indica uma separação funcional, correspondendo à noção de destruição. Cabe ao leitor decifrar a simbologia criada pela conscientização do perigo: o mistério de Capitu é, para Bentinho, o mistério da vida. Esse mistério é a área de interferência dos símbolos Vida e Morte. O instinto de viver envolve vitória, proteção, fidelidade, luta, e a morte possível mostra perigo, medo do desconhecido, abandono.

## Conclusão

Entende-se, neste texto, que a leitura de um texto literário implica a descoberta dos implícitos, dos conceitos, da subjetividade que se encontram velados. A leitura de um autor como Machado de Assis, imposto por uma programação escolar por vezes utópica, exige do professor-leitor a busca de recursos extralinguísticos para alertar seus alunos-leitores contra as armadilhas de uma leitura leviana e infrutífera.

Nossa referência ao estudo da Simbologia explorado no campo da leitura oferece a busca de uma equilíbrio entre os desejos dos sujeitos e as imposições do meio ambiente. A abordagem antropológica do texto literário proposta por Gilbert Durand possibilitou a seleção, na linearidade da obra *Dom Casmurro*, de itens lexicais enquanto ideias patentes que possibilitam, pela redução de informações, a percepção de ideias latentes.

Com esse conhecimento, pode-se melhor entender o mundo e, conseqüentemente, melhorar sua construção (ou reforma...). Estabelece uma postura humanística que extrapola as “verdades” já convencionadas, permitindo ao homem (em especial, ao jovem), uma abertura de horizontes, de entendimentos e compreensão de mensagens que vão muito além do discurso. Só o mito não explica, mas é a ponta do *iceberg* do mistério que envolve o ser humano, e que não precisa ser explicado, mas aprendido.

Sua validade é discutível, e é aí que reside seu valor: o homem é um animal dotado de inteligência, imaginação, sensibilidade, expressão, dinâmico, meio-anjo, meio-demônio, dualidade esta que foge à técnica e à rigidez das convenções, que o faz modificador de sua história.

### Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Editora Mérito, 1959.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.

KERÉNYI, C. *Os Deuses Gregos*. Trad. O. M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1993.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

VARÓ, Enrique Alcaraz. *Tres paradigmas de la investigación lingüística*. Alcoy (ES): Editorial Marfil, 1990.

**ABSTRACT:** This work aims to open up new paths for reading and interpreting literary texts, with an unconventional approach within Brazilian Schools: Gilbert Durand's mythocritics, which prioritizes the understanding of human imaged, by apprehending the subject-matter, the hidden, the latent. The novel *Dom Casmurro*, by Machado de Assis, is taken as the example of the before-mentioned type of reading, in a way of finding out strategies used by the author to compensate the lack of words so the reader can open the doors of the unsaid. Herein the reader is valued as an element of literary analyses and critique, besides being a (re) builder of the text, and its interpretability is acknowledged as coming from the texts coherence, whose incomplete gaps rely on the reader's universe of experience and his or her knowledge of the world, and will be built based on the reader's memories. “The new will be constructed from the old”.

**KEYWORDS:** Reading. Strategies. Imaginary. Myth. Durand.

Envio: Abril/2014  
Aprovado para publicação: Abril/2014